Antônio Bezerra

(A PROPÓSITO DE UM FOLHETO DO INSTITUTO)

José Luiz de Castro

Como todas as pessoas que tem o vício de ler, possuo o hábito de assinalar as cousas que me interessam, para depois comentá-las à margem dos livros.

Com o folheto publicado pelo Instituto do Ceará, no dia do centenário do nascimento de Antônio Bezerra, logo compreendi que nos estreitos limites das páginas eu não podia dizer tudo que a leitura me vinha sugerindo.

O jeito foi utilizar-me de uma folha de papel à parte, onde fui escrevendo, nas necessárias interrupções da leitura, aquilo que me ia ocorrendo.

São esses escritos as notas que se seguem.

Primeira nota — página 4: "Havendo-se aposentado como empregado público, mudou sua residência para Manaus", etc.

Ao chegar em Manaus, em 1902, tive a fortuna de ir morar com João Quintino da Cunha, irmão de Quintino e, como ele, poeta. Morreu pouco tempo depois o pobre do João Quintino, no "paraiso dos brutos e inferno dos cearenses", que é o interior do Amazonas.

Enquanto estivemos juntos no apartamento da rua Leovigildo Coelho, ao lado da igreja dos Remédios, cujo vigário era um padre cearense de relevo enorme no clero, pelas suas altas virtudes — Monsenhor Antero José de Lima —, o meu companheiro, conversador de raça, me narrava, para distrair a minha saudade (imaginem que eu tinha embarcado depois de três meses de casado, deixando aquí a mulherzinha!), cousas passadas na terra dos barés, com ilustres conterrâneos nossos.

A propósito da igreja dos Remédios: em Manaus, fere a atenção da gente a abundância de remédios, — igreja "dos remédios", rua "dos remédios", escadaria "dos remédios", alfaiataria "dos remédios", barbearia "dos remédios", e dizem por lá que o mais, que não tem "remédio", remediado está.

Corresponde a essa verdadeira farmacopéia a quantidade de paz em Belem do Pará.

João Quintino mostrou-me certa vez uma caderneta que o irmão, ao partir para o interior, esquecera no apartamento, na qual Quintino Cunha, desesperado um dia por não encontrar colocação na capital paraense, escrevera: "Estive no paz-teatro, no jardim da paz, na rua da paz, no café da paz, e sempre a paz a fugir-me."

O meu companheiro de quarto fora-o antes de Antônio Bezerra. Contou-me ele que o velho abolicionista vivia a morrer de saudade do Ceará e da família. Desta tinha uma fotografia com a mulher e os filhos. Antes de deitar-se, à noite, sacava da gaveta esse retrato querido e conversava com a senhora, como se alí estivesse viva, à sua frente, vendo-o e ouvindo-o: "hoje fiz isto, fiz aquila, fui a tal parte, falei com fulano", etc. E depois desse relato:

— Boa noite, Noca.

Com a mão espalmada, fazia uma cruz sobre as amadas figuras da prole:

— Meus filhos, Deus os abençoe.

De manhã, repetia-se a cena. Puxava o retrato:

— Bom dia, Noca; meus filhos, Deus os abençoe.

Dava conta à Noquinha de tudo que pretendia fazer durante o dia, dos lugares onde tinha que ir, das pessoas com quem precisava entender-se.

As conversas terminavam sempre por um suspiro triste:

— Não sei quando poderei voltar!

Os companheiros, se ouviam as palavras apenas murmuradas de Antônio Bezerra, respeitavam o enternecimento do velho conterrâneo, que todos veneravam.

Um pouco antes de chegarem ao porto de Manaus, passam os vapores por uma ilha de triste reputação — Marapatá, a célebre **ilha da consciência**.

Era que, no tempo da grandeza da borracha, quem ia para o Amazonas "tentar fortuna" (o galicismo é da expressão consagrada) tinha que deixar a consciência, ou fracassava. Por isso, quando os vapores se aproximavam de Marapatá, havia a bordo uma algazarra dos diabos: eram os viajantes veteranos gritando aos brabos que se despojassem daquele estorvo.

A colônia cearense em Manaus orgulhava-se muito do nome de alguns conterrâneos que tinham entrado íntegros em Manaus; mencionavam especialmente Antônio Bezerra e o Dr. Drummond da Costa.

Contavam do primeiro o seguinte: que havia sido nomeado uma vez avaliador na desapropriação de um prédio, diligência a que estavam ligados interesses de grande monta. Naquele tempo,

em Manaus, negócios dessa natureza eram negócios da China e se consumavam de maneira original.

Um dia, ainda de manhã, entra na residência de Antônio Bezerra um oficial de justiça, o qual depõe sobre a banca um livro e um embrulho:

— Pronto, seu Antônio Bezerra, está aqui o termo de desapropriação, para o senhor assinar.

E, indicando o pacote:

— Isto aquí são os seus 20 contos.

Acrescentou:

— Os outros já assinaram.

Foi como se uma cascavel tivesse picado o velho cearense; meteu os pés da cadeira em que estava sentado e rugiu em voz ainda mais rouca do que de costume:

— Está doido, homem, você logo não vê que um filho do velho Soares não faz uma cousa destas?

E o dedo em riste, em direção à porta:

— Vá-se embora, por alí!

O Dr. Antônio Drummond da Costa era juiz em Itacoatiara e devia julgar uma questão importante. Um dos litigantes, não muito seguro do seu direito, foi oferecer-lhe uma quantia avultada para que despachasse a seu favor. Honesto quanto nervoso, uma tal proposta importava uma agressão; era o maior insulto que se podia fazer ao ilustre magistrado.

Drummond tomou passagem no primeiro gaiola que transitou pela comarca e rumou para a capital, a fim de formular a sua queixa.

No mesmo dia em que chegou a Manaus, foi ao palácio do governador. Trêmulo, os olhos acesos, vibrante de indignação, disse:

— Venho comunicar a V. Excia. que fui desacatado no exercício das minhas funções de juiz de direito de Itacoatiara.

E relatou minuciosamente o caso da tentativa de suborno, não omitindo o horror que lhe tinha causado.

Silvério Neri, caboclo simpático, ouviu-o com um sorriso nos lábios, do começo ao fim da história; e a final respondeu:

— Sr. Dr. Drummond, eu penso que o senhor faria melhor voltando para a sua terra.

O Dr. Drummond da Costa caira num ninho de cobras; os indivíduos que o tinham maltratado eram eleitores do governo, gente do peito dos Neris.

O ilustre magistrado não aceitou o conselho de regresso ao

Ceará; continuou no Amazonas, onde ainda vive 40 anos depois dessa ocorrência. Mas pediu demissão do cargo de juiz.

Seguda nota — página 5: "Tem publicado... "Notas de Viagem a Maranguape", "Horas de Recreio", etc.

Que saudades me trazem estes títulos de livros! Foram eles, com as "Lendas e Canções", de Juvenal Galeno, os companheiros da minha remota meninice!

Falando nisso a Antônio Bezêrra, ele me explicou os motivos de muitos dos seus folhetins.

Terceira nota — página 5: "Notas de Viagem ao Norte do Ceará".

É este, a par do "Ceará Fisiográfico", de Tomaz Pompeu Sobrinho, o maior livro até hoje publicado sobre o Ceará. Erudição variada, amenidade de estilo, verdade — eis o que o distingue. É uma das poucas leituras que me permito, quando tudo o mais me aborrece.

Eu falei em verdade. Chegando um dia na "Livraria Araujo". que frequentava assiduamente, encontrei o proprietário com um livrinho na mão.

Sorridente, o Araujo explicou-me:

— Aquele Antônio Bezerra é extraordinário: nas "Notas de Viagem" ele diz: "A lua na sua segunda quadratura, assomou com pouco do seio das ondas", etc. Pois olhe aqui. E indicava-me com o dedo certa parte da folhinha "de Laemmert", do ano de 1884, que ele havia arranjado não sei onde, para ver até que ponto ia a exatidão do autor quanto à fase da lua, de fato confirmada pelo velho almanaque.

Quarta nota — página 5: "As Praias — Mocuripe", etc.

Será possível que Antônio Bezerra, que sabia o tupí como gente grande, tenha escrito **Mucuripe** com **M-o**? Ou foi lapso de cópia do Barão ou da gente do Instituto? **Mucuripe** vem de **Mucura** + **i** + **pe**, mucura — o marsupial a que nós, aqui no Ceará, chamamos **cassaco, i—rio, pe** — pospositiva locativa. Todos sabem isso, pois que até eu sei. Para que diabo então essa pertinácia no erro?

Quinta nota — página 7: Quadro da Sociedade Cearense Libertadora. Retrato de Abel de Sousa Garcia.

É outro cearense de quem se ufanava a nossa colônia de Manaus.

Dele ouví várias histórias, cuja autenticidade (bem como das precedentemente contadas) não posso atestar, por não ter sido testemunha. A que tinha maior curso em Manaus era esta: exercia o Dr. Abel o cargo de chefe de polícia no governo de Eduardo Ri-

beiro, o Pensador. Este mandou chamá-lo um dia a palácio e ordenou que acabasse a jogatina, prendendo os recalcitrantes, fossem quem fossem.

Dias depois, passando Abel Garcia pela Avenida, surpreendeu o próprio governador jogando com amigos. O chefe de polícia prendeu imediatamente todos os comparsas, gente "granfina", e, virando-se para o Pensador:

— Só não prendo V. Exc. por que é o governador, disse.

Abel era muito homem para fazer dessas, mas se fez não sei.

Ainda conheci este cearense notavel; era casado com uma senhora chamada Ceci Maiorga, de descendência espanhola, muito bonita, e tinha filho como praga.

Sexta nota — página 11: Fotografia tirada na redação da **Pátria.**

O rapaz que está sentado ao lado de Antônio Bezerra é Francisco Augusto de Alencar Matos, irmão de Roberto de Alencar e tambem escritor. Fez parte do Centro Literário e morreu no Amazonas, como era natural.

Sétima nota — página 13: Para dar-se uma idéia de quanto era querido Antônio Bezerra, basta dizer-se que, na época de maior rivalidade da Padaria com o Centro Literário, elé era o único homem no Ceará que pertencia às duas associações. Alguem já referiu este fato.

Oitava nota — página 15: Grupo da "Fraternidade Cearense", de Manaus.

O último retrato, destacado, bem em baixo, é de Cesar Silva, filho de Gualter R. Silva, que, por muitos anos, teve uma livraria no mesmo prédio onde é hoje a do Sr. Humberto Ribeiro. O retrato de Gualter figura na fotografia reproduzida na página 3, ao lado do de sua senhora, D. Biluca, e de sua filha Riria (o primeiro **r** deste nome soa brando, como o **r** de **para, caro, claro,** etc.).

Cesar Silva era despachante na Alfândega de Manaus e casado com uma filha do Palhabote.

Nona nota — página 20: "Defendi-o na luta", etc.

Esta parte não devia ter sido publicada, o que quer dizer — divulgada. Certas cousas podem ser ditas a um amigo, em carta particular, mas nem sempre ao público. Aliás, há cousa de um ano, li num jornal carioca uma irreverência ao nome de João Cordeiro por causa daquelas liquidações. Melhor fora, porem, que os que veneramos a memória do excelso conterrâneo ficássemos pensando que aquilo eram imputes.

Décima nota — página 31: Os que nunca viram Antônio Be-

zerra e quiserem conhecê-lo leiam o perfil que dele traçou a pena mágica de José Lino da Justa:

"Rosto descarnado, nariz saliente, cavalgado por um **pince-nez** antigo, corpo emagrecido pelo trabalho e pelo estudo, agil nos movimentos constantes de uma gesticulação desordenada mas cheia de **pose**, de um **humour** irresistivel, loquaz, a jorrar palavras de tons enrouquecidos através de um bigode agressivo ensombrando talvez uma ironia sagaz, de que, no entanto, pelo espírito sempre moço e coração cheio de virtudes, desperdiçou, numa vida sem conforto, o seu talento e a sua cultura, por amor ao Ceará."

Outro perfil de Antônio Bezerra:

Quase alto, muito magro,
Tem bigode à espanhol,
Do seu cérebro fecundo
Surgem "Lampejos de Sol".

Cantor dos "Sonhos de Moço"
E das "Três Liras" tambem;
Possue na cabeça enorme
De histórias um armazem.

Folhetinista de estouro,
Empregado no Tesouro,
É bom chefe de seção.

Ás pressas anda na rua;
Mas... que desgraça! jejua
Sexta-feira da Paixão!

Não sei em que jornal foram publicados esses versos; igualmente me é desconhecida a autenticidade dos autores — **Sergio, Lidio & Cia.** Ignoro tambem a data, que deve ser muito remota, porquanto Antônio Bezerra ainda se achava em pleno exercício do seu cargo de funcionário público.

Undécima nota — página 31: Antônio Bezerra acompanhou ao Rio-de-Janeiro o mostruário do Ceará destinado à exposição de Chicago.

Antes de prosseguirem a viagem para os seus destinos, os produtos de todos os estados ficaram expostos ao público, durante algum tempo, no Rio.

Antônio Bezerra pensou na melhor maneira de chamar a atenção dos cariocas para a coleção sob sua guarda; combinou com os empregados do recinto que ele chegaria alí todas as tardes como a pessoa mais estranha do mundo. Assim, poderia falar à vontade sobre as cousas do Ceará, sem que desconfiassem que ele era o maior interessado.

Todas as tardes, via-se chegar aquele visitante displicente, examinando ora isto ora aquilo e estacando finalmente:

— Que é isto aquí, menino?

— Labirinto, renda do Ceará...

— Do Ceará?

— Sim, senhor.

E o empregado, devidamente instruido:

— Isto é feito pelas caboclas velhas, em almofadas.

Explicava o que era almofada.

Bezerra tomava a palavra, fazia um discurso sobre rendas, labirintos, almofadas e sobre a habilidade das caboclas velhas cearenses.

Em cada tarde, era um diferente o objeto das apreciações de A. Bezerra: urú, esteira, chapéu de palha, espanador e a matéria prima desses artefactos, dava ensejo a que o orador rematasse por um panegírico à carnaubeira, que, com o jumento, ele considerava o símbolo da resistência do cearense à calamidade das secas.

Um dia, a admiração de Bezerra excedeu-se diante de uma cangalha:

— Como se chama isto, menino?

— Cangalha.

— Para que serve cangalha?

— Para se botar carga; a gente enfia dois caçuás, um de cada lado, nestas aseias, enche os caçuás de milho, mandioca, batata, do que se quer levar...

— Que povo engenhoso, laborioso, forte só é o cearense!...

Vai começando Antônio Bezerra o discurso do costume. Mas, nesse momento, uma senhora cearense da mais alta sociedade carioca, pertencente à familia Faria Lemos (penso que era a esposa do Dr. Frederico Borges), lhe bate no ombro:

— Antônio Bezerra, donde veio você, que não sabe mais o que é cangalha?

A assistência caiu na gargalhada, e o Bezerra safou-se por entre o povo, na carreira.

Duodécima nota.

Uma homenagem linda, tributada ao grande cearense, foi a

mudança do nome de Barro-Vermelho para Antônio-Bezerra, há já alguns anos.

Coube essa iniciativa de justiça ao Dr. Carlos Studart Gurgel; a Prefeitura, num gesto louvavel e merecedor de aplauso, aceitou a sugestão, longamente fundamentada, do Carlos. Mais tarde, a comissão de revisão dos municipios manteve a denominação, fazendo do povoado um distrito de Fortaleza. Mas ficou nisso, e perdura esse estado de cousas, por culpa dos moradores, que não procuram popularizar o nome glorioso que o lugar tem e que é o daquele a quem este deve a sua igrejinha do "Perpétuo-Socorro" e a estação da estrada de ferro. Daquele que lá viveu uma grande parte da sua vida e lá fechou os olhos para o eterno sono.